



## UM PASSEIO PELA MODERNIDADE: ESPAÇO, TEMPO E SOCIEDADE

### *A RIDE FOR MODERNITY: SPACE, TIME AND SOCIETY*

Daniel Rodrigues Silva LUZ NETO<sup>1</sup>

Cíntia dos Santos LINS<sup>2</sup>

Gleydson Gonzaga LUCENA<sup>3</sup>

Rubens Alves da SILVA<sup>4</sup>

*Ensaio recebido em 06/05/2017 e aceito em 12/12/2017*

### RESUMO

**Palavras-chave:**

Modernidade  
Pós-modernidade  
Geografia  
Reestruturação  
Superação

O objetivo é fazer uma reflexão teórica do tema (pós) modernidade relacionando-o com três elementos que julgamos essenciais para se tratar no âmbito das Ciências Humanas e, conseqüentemente, no campo da ciência geográfica. Baseou-se na opinião de quatro autores e, percebeu-se que a categoria espaço está sendo mal compreendida pelos pensadores não geógrafos e que eles concordam, mesmo que indiretamente de que o espaço é menos valorizado do que o tempo. Há uma progressiva fragmentação espacial, já que as pessoas tendem a se fechar em ambientes cada vez mais isolados e vigiados. E, isso, para alguns seriam motivados por uma sociedade pós-moderna. Entretanto, o que teria havido nesse bojo seria a reestruturação da sociedade capitalista, da qual se anseia e financiamento dos movimentos como esses da superação da modernidade. Contudo, como o espaço geográfico é produto das ações humanas e naturais que resultam em novas realidades. Assim, conclui-se que nesse no contexto epistemológico de modernidade versus pós-modernidade, a Geografia tem seu papel tanto na adequação aos períodos históricos quanto na resignificação dessa dicotomia.

### ABSTRACT

**Key-words:**

Modernity  
Postmodernity  
Geography  
Restructuring  
Overcoming

The objective is to make a theoretical reflection on the (post) modernity theme by relating it to three elements that we consider essential to deal with in the Human Sciences and, consequently, in the field of geographic science. It was based on the opinion of four authors and it was realized that the space category is being misunderstood by non-geographers thinkers and that they agree, even indirectly that space is less valued than time. There is a progressive spatial fragmentation, since people tend to close in increasingly isolated and watched environments. And, this, for some would be motivated by a postmodern society. However, what would have existed in this bulge would be the restructuring of capitalist society, from which the movements like those of the overcoming of modernity are desired and financed. However, as geographic space is the product of human and natural actions that result in new realities. Thus, it is concluded that in the epistemological context of modernity versus postmodernity, Geography plays its role both in the adaptation to historical periods and in the resignification of this dichotomy.

<sup>1</sup> Membro do Grupo de Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Geografia na Universidade de Brasília- UnB. E, professor da Educação Básica. E-mail: danieltableiro1@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia pela Universidade de Brasília. E-mail: lins0307@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestrando em Geografia pela Universidade de Brasília. E-mail: gleydson\_lucena@hotmail.com.

<sup>4</sup> Mestrando em Geografia pela Universidade de Brasília. E-mail: alvess.rubens@gmail.com.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente ensaio explana o tema (pós)modernidade relacionado com três elementos que julgamos essenciais para se tratar no âmbito das Ciências Humanas e, conseqüentemente, no campo da ciência geográfica: o espaço, o tempo e a sociedade. Entre os geógrafos, é imprescindível a inserção e a permanência das reflexões em outras disciplinas humanas e sociais. Isso, pois, o desenvolvimento do pensamento espacial pelo raciocínio geográfico pode contribuir para a compreensão tanto das correntes modernistas quanto pós-modernas.

Assim, este texto está estruturado em duas partes principais: a primeira apresenta as principais ideias de quatro autores que escreveram sobre o referido tema: Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Debord Guy e Edward Soja. Em seguida, sugere-se à relação entre os textos, promovendo um “diálogo” entre esses pensadores, focando o tema da modernidade: o espaço, o tempo e a sociedade.

### **Texto 1 - A Sociedade do Espetáculo, de Guy Debord (2003)**

Na obra “A Sociedade do Espetáculo”, Debord fala sobre a modernidade e as condições do espaço e do tempo. Ele remete a essa questão relacionando-a ao processo histórico do capitalismo. Logo, no início do livro, ele ressalta que os processos de mudanças da sociedade atual são fruto da própria dinâmica da mercadoria no sistema capitalista: “toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anunciam como imensa acumulação de espetáculos” (DEBORD, 2003, p. 13). Assim, a própria dinâmica do espaço e do tempo também ficam à mercê da necessidade da mercadoria de criar o espetáculo.

O espetáculo não seria somente as imagens, mas as próprias relações das pessoas no tempo e no espaço da modernidade mediatizada pela criação de imagens. A título de exemplificação seria: criar valor de mercadoria através da produção de imagens. Não basta somente viajar para alguns lugares de impacto de valor cultural/mercadológico. Precisa-se registrar mercadorias para espetacularizar o momento. Sendo a posteriori tornada sem valor, assim, segue a dinâmica da produção do espaço pelo capitalismo criando uma nova necessidade, ressignificando-se tempos e relações no espaço e na modernidade sob a égide do capital.

No capítulo do VII, Debord (2003) foca nas condições modernas tanto no espaço quanto no tempo. Ressalta-se sete pontos dessa discussão, em primeiro lugar, a força do capitalismo globalizado na tentativa de homogeneização do espaço. Nesse sentido, há vetores que tentam realizar a padronização do espaço pelo consumo. No ponto destacado, o capitalismo homogeneizador conseguiu romper as distâncias do espaço e do tempo no projeto da modernidade. Contudo, as distâncias no interior do indivíduo foram aumentadas. Todavia, passa-se a viver no tempo e no espaço ditados pelo

capitalismo. Dessa forma, nunca se viu tantos indivíduos inseridos numa coletividade da sociedade do consumo, porém sozinhos nos seus apartamentos, automóveis, Alfaville.

No terceiro ponto elencado pelo autor supracitado, ocorre o processo de urbanização como uma realização concreta da sociedade burguesa onde a própria espacialidade urbana separa através da segregação as classes sociais.

A maior vitória da burguesia foi a subordinação do campo à cidade, uma vez que nesta as mercadorias mais circulam e o capital se realiza no seu processo de acumulação. Contudo, nela o domínio burguês se dá através do consumo no meio urbano. Para Debord (2003), a história da cidade teve como ideia inicial a liberdade na modernidade sendo concretizada pelas possibilidades de fluidez e como de compressão tempo-espço. Esse sonho foi principalmente pela ilusão de que o automóvel daria conta desse processo. Foi a outro fator também vendido pela ideologia e dos condomínios como uma tribo que ali iria encontrar a felicidade. Entretanto, a prática mostrou que isso não era verdade.

O que ocorre é a submissão do espaço ao tempo vivido, isto é, a espetacularização como momento instantâneo que despreza a dinâmica do espaço. Portanto, a sociedade do espetáculo na modernidade transforma os fatos ocorridos no tempo e no espaço numa compressão do segundo. O espaço é apenas um instrumento de concretização dos acontecimentos como ditadura da mercadoria.

## **Texto 2 - Modernidade líquida, de Zygmunt Bauman**

O texto começa com a abordagem de um sonho de George Hazeldon, arquiteto inglês estabelecido na África do Sul, que sonha em construir uma cidade distinta das comuns. Ele anuncia uma cidade na perspectiva de Heritage Park.

Já para Bauman, o sentido é de criar um território vigiado com punição aos que saírem da linha. Por outro lado, também, capaz de manter à distância os “desocupados, vagabundos” e expulsar os intrusos imediatamente. O autor destaca que, devido ao medo da violência, ganha força as políticas de segurança pública que levam ao endurecimento de penas, privatizações e militarização do espaço público a lugares “mais seguros”, porém menos livres e, progressivamente, mais seletivos.

Bauman, ao falar que “A cidade é um grande assentamento humano”, destaca que a vida urbana requer um tipo de atividade muito especial e sofisticada, na qual ele chama de **civilidade**. Para ele, a principal característica da civilidade é a capacidade de interagir com desconhecidos, sem utilizar estranheza contra eles e sem pressioná-los a abandoná-la ou a renunciar a alguns traços que os fazem estranhos. O autor lembra que as cidades contemporâneas possuem muitos lugares públicos, mas a maioria deles faz parte de duas grandes categorias que se afastam do modelo ideal de espaço civil, caracterizando-se por dispensar a interação. Há espaços urbanos apenas de passagem ou de consumo, mas não de interação. Conclui-se que são espaços públicos urbanos, mas, certamente não são “civis”.

Bauman, com base em Georges Benko e na análise de Marc Augé, acrescenta mais uma variante chamada de **não-lugares** (ou, conforme Garreau, “cidades-de-lugar-nenhum”). Os não-lugares são espaços destituídos de expressões simbólicas de identidade, relações e histórias; são os aeroportos, autoestrada, hotéis.

Os chamados **espaços vazios** para Bauman, são aqueles lugares que podem ser tornados invisíveis, ou melhor, impedidos de serem percebidos, pois são lugares sugere-se não se atribui significado. Não precisam ser delimitados fisicamente por cercas ou barreiras; não são lugares proibidos; são espaços vazios e inacessíveis.

No subitem “Não Fale com Estranhos”, Bauman chama atenção para a progressiva incapacidade de se enfrentar a pluralidade de seres humanos; a tendência à homogeneidade; e o esforço para eliminar a diferença. Tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera.

Sobre o tempo e espaço, Bauman destaca que para ele a história do tempo começou com a modernidade; com a emancipação do tempo em relação ao espaço; e com sua subordinação à inventividade e à capacidade técnica humana, conquistando o espaço. A conquista do espaço significa máquinas mais velozes, movimento acelerado e a conseqüente ampliação do espaço.

Por fim, o autor trata “da modernidade pesada à modernidade leve.” A modernidade pesada, a modernidade obcecada pelo volume, pelo tamanho. A era do *Hardware*, a época das máquinas pesadas. A conquista do espaço era o objetivo mais supremo, e território estava entre as obsessões modernas. Diz respeito à era tradicionalmente instrumental, o tempo era o meio que precisava ser administrado de forma prudente para que o espaço pudesse ser maximizado. O tempo rotinizado prendia o trabalho ao solo, enquanto o peso das máquinas e o trabalho permanente atado acorrentavam o capital.

A modernidade leve na era dos *Softwares* é a era da eficácia do tempo. Para Bauman, no universo de *software* da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em “tempo nenhum”. Cancela-se a diferença entre “longe” e “aqui”. O espaço não impõe mais limites à ação nem seus efeitos. Ele pode ser levado em conta ou de jeito nenhum. Perdeu seu “valor estratégico”, diriam os especialistas militares. O tempo não é mais o “desvio na busca”, assim não mais confere valor ao espaço. A quase-instantaneidade do tempo do *software* anuncia a desvalorização do espaço. A modernidade líquida se internaliza nas famílias, na escola e no conjunto da sociedade revelando as mudanças ocorridas ao longo dos tempos, bem como os valores atuais proporcionados.

### **Texto 3 - As conseqüências da modernidade de Anthony Giddens**

Giddens discute a questão da aceleração relativa à formação dos chamados “espaços vazios” e “fantasmagóricos”. Nesses espaços, a fluidez acarretaria na não fixação das pessoas nos lugares, como

consequência da separação provocada pelas relações dessa modernidade. Sobre essa questão da separação entre espaço e lugar, causada por essas transformações oriundas do processo de modernização, Giddens mostra que existe certo “deslocamento” das relações sociais de contextos locais de interação e reestruturação através de extensões o qual se denomina de “desencaixe”.

Nessa perspectiva, o autor mostra que o dinamismo da modernidade vem justamente da separação do tempo e do espaço, bem como da sua recombinação em formas que proporcionam um “zoneamento” tempo-espaço tanto da vida social como da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas entradas de conhecimento que afetam as ações de indivíduos e grupos. Na verdade, existem inúmeras conexões entre a modernidade e a transformação do tempo e do espaço.

A modernidade é entendida por Giddens como um fenômeno de dupla interpretação: proporciona segurança e confiança advindas dos processos inovadores, mas também gera inúmeros efeitos não tão desejáveis como perigos e risco nos mais variados campos. Essas questões levam o autor a afirmar que a sociedade ainda não vive num universo pós-moderno, mas é possível observar a emergência de modos de vida e novas formas de organização social que divergem das que foram criadas pelas instituições modernas. Na verdade, para o autor, trata-se da radicalização da modernidade.

No que diz respeito às dimensões institucionais da dita “Modernidade”, o autor questiona se essas seriam capitalistas ou industriais e propõe que o capitalismo e o industrialismo devem ser vistos como “feixes organizacionais” ou como “dimensões diferentes” envolvidas nessas instituições modernas. Giddens ainda conceitua os dois: o capitalismo seria o sistema de produção de mercadorias, centrado na relação de propriedade privada do capital e o trabalho assalariado, sem posse de propriedade (essa relação formaria o eixo principal de um sistema de classes); o industrialismo teria como característica principal o uso de fontes inanimadas de energia material para a produção de bens, combinado ao papel central de maquinaria no processo de produção. Nesse sentido, a sociedade capitalista é uma sociedade somente porque é um Estado-nação.

#### **Texto 4- Geografia: Modernidade de Edward Soja**

No texto “História: Geografia: Modernidade”, o geógrafo Edward Soja alerta sobre a falta do espaço nos estudos das Ciências Sociais. Segundo ele, o pensador Foucault é um dos poucos que advogam a importância do espaço nas investigações sociais. Isso, pois, não teria havido nenhuma mudança hegemônica que permita reequilibrar a análise social crítica para integrar o espaço e o tempo. A História ainda é privilegiada, no entanto, a partir do final do século XX a emergência da “era do espaço” assume uma feição mais razoável. Surge uma teoria mais equilibrada que privilegia a

Geografia, e não apenas a História. Soja defende que haja um materialismo histórico e geográfico, que se daria por meio de uma geografia pós-moderna da consciência social crítica.

Ao falar sobre a predominância do historicismo, o autor cita Wright Mills: “Nenhum estudo social sem a história é completo”. O historicismo, enquanto teoria social, obscurece e periferaliza ativamente a imaginação geográfica e espacial. Soja aponta Henri Lefebvre como alguém que foi precursor da geografia pós-moderna, ao questionar a falta de atenção dada ao “espaço”. Michel Foucault também concentrou-se numa espacialidade da vida social, num “espaço externo”, o espaço efetivamente vivido (e socialmente produzido)”. Essa seria a espacialização da história, a feitura da história entremeadada com a produção social do espaço, a estruturação de uma geografia histórica.

Soja cita John Berger, que afirma “A profecia agora implica uma projeção mais geográfica do que histórica; é o espaço e não o tempo, que nos oculta às consequências.” Essa é a virada pós-moderna contra as determinações históricas e anunciam a necessidade de uma narrativa explicitamente especializada. Portanto, constitui uma convocação para um equilíbrio interpretativo entre o espaço, o tempo e o ser. Segundo o autor, a experiência da modernidade capta a mescla que reflete os sentidos específicos e mutáveis das três dimensões mais básicas e formadoras da existência humana: o espaço, o tempo e o ser, ou seja, a interação entre a história, a geografia e a modernidade.

A reestruturação e a modernização pontuam a história e a geografia do desenvolvimento capitalista, e marcam também o curso mutável da teoria social crítica. O modernismo é a resposta cultural, ideológica, reflexiva e formadora da teoria da modernização. Dois movimentos modernistas surgiram na virada do século XIX: Marxismo e Positivismo, que na época eram considerados uma modernidade alternativa, *pós-moderna*. Da crítica ao materialismo histórico surgiu a reafirmação do espaço e a crítica do historicismo. Este acabou por predominar.

Dessa forma, houve uma subordinação do espaço na teoria social: 1880-1920 para o tempo. A disciplina da geografia moderna foi expelida do competitivo campo de batalha das construções teóricas, e ao longo do século XX o marxismo continuou solidamente fundamentado no historicismo. A geografia permanecia apenas como um apêndice.

Mas por que isso ocorreu? Soja aponta algumas possíveis causas: a rejeição explícita da causalidade ambiental; a separação da sociedade e da história com a natureza a sociedade e a história estavam sendo separadas da natureza; a ameaça dos nacionalismos territoriais de rompimento com o esquema de dominação capitalista; e a noção de lealdade ao Estado nacional mais ligada à ideologia e à cultura do que a fatores geográficos.

O autor, Soja, conclui que houve uma involução da geografia moderna em meados do século. O pensamento geográfico voltou-se para dentro e se isolou do restante da teoria social. A geografia se distanciou tanto das ciências naturais e humanas quanto da história, sem contribuir com a compreensão do mundo, e ficou restrita à função de “diferenciação de áreas”.

## **2. DIÁLOGO ENTRE OS AUTORES**

Ao analisar a opinião dos quatro autores, percebe-se que a categoria de análise geográfica do “espaço” é mal compreendida pelos pensadores não geógrafos e que eles concordam, mesmo que indiretamente, com Edward Soja com relação à sua tese de que o espaço é menos valorizado do que o tempo. Depreende-se, também, que todos os autores são críticos quanto à forma com que a modernidade se desenvolveu sob a lógica do sistema capitalista.

Nas leituras de Bauman, Debord e Giddens, nota-se a preocupação com a progressiva falta de interação entre as pessoas, principalmente no meio urbano. Isso se deve, como é comum, à explicação entre os autores; ao modo como a sociedade evoluiu a partir da implantação paulatina do capitalismo como modo de produção, principalmente no chamado “mundo ocidental”. Os indivíduos tendem a se tornarem individualistas e pouco propensos à vida comunitária, esta que já foi mais comum na história humana, principalmente antes da revolução industrial. Na atualidade, como assevera Debord, nunca se viu tantos indivíduos inseridos numa coletividade da sociedade do consumo, porém, sozinhos.

Quando se afirma que a vida coletiva está se tornando cada vez mais rara, isso acaba tendo reflexos na forma de se pensar o tempo e o espaço. Debord explica que a atual fase do capitalismo – a globalização – tende a querer homogeneizar a humanidade. Mas o que ocorre é a progressiva fragmentação espacial, já que as pessoas tendem a se fechar em ambientes cada vez mais isolados e vigiados. Nesse sentido, para Bauman há espaços urbanos apenas de “passagem” ou de “consumo”, mas não de interação. Definitivamente, conclui-se que são espaços públicos urbanos, no entanto, certamente não são “civis”.

Tanto Giddens quanto Bauman falam de “espaços vazios”, que seriam aqueles espaços sem significado para as pessoas. Entretanto, para a Geografia, a ciência do espaço por ofício, não há espaço vazio. O espaço geográfico é produto das ações humanas e naturais que resultam em novas realidades.

Por fim, no texto *História: Geografia: Modernidade*, o geógrafo Soja defende que haja um “**materialismo histórico e geográfico**”, que se daria por meio de uma **geografia pós-moderna** da consciência social crítica. Quando os outros autores supracitados debatem sobre o espaço e suas diversas representações retóricas e sociais, eles estão, indiretamente, ouvindo e respondendo ao clamor de Soja, mesmo que, por vezes, se mostram ignorantes ao utilizarem o conceito de espaço. Contudo, mais ao fim do seu texto, parece que Soja exagera ao afirmar que houve uma “involução” da Geografia no âmbito das Ciências Sociais. A Geografia simplesmente se renovou tendo em vista a sua adequação aos sucessivos períodos históricos.

De qualquer forma, é imperativo que a Geografia busque o seu lugar entre as ciências sociais. O diálogo qualificado entre as disciplinas de um mesmo campo favorece o amadurecimento teórico das diversas áreas de estudo.

## **REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro:Ed. Zahar, 2001.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GUY, Debord. *A Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Ed. Contraponto, 2003.

SOJA, Edward. História: Geografia: Modernidade. In: *Geografias Pós-Modernas*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.